

A AUTOAVALIAÇÃO COMO PRÁTICA PARA PROMOVER O APRENDIZADO

LA AUTOEVALUACIÓN COMO PRÁCTICA PARA PROMOVER EL APRENDIZADO

Vanessa Alves de Almeida Cruz
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
cruz.van@hotmail.com - +55 15 981002855

Prof. Dr. Hylio Laganá Fernandes
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
hyiolafer@gmail.com - +55 15 988214719

Resumo

Uma pedagogia centrada no sujeito e embasada na liberdade compõe a concepção de educação sugerida por Carl Rogers. Tendo em vista esta perspectiva pedagógica foi realizada nas aulas de geografia no ano de 2015 uma experiência com alunos de uma escola pública do interior do estado de São Paulo/ Brasil, com a prática da autoavaliação pelos estudantes. Este trabalho objetiva verificar a aprendizagem que ocorre quando há espaço para que o aluno seja compreendido a partir de seu próprio ponto de vista e não simplesmente avaliado pela perspectiva curricular. Para análise desse processo foi respondido um questionário ao final do semestre, com perguntas abertas sobre suas impressões referentes às aulas ministradas pela professora, analisando os aspectos positivos e negativos sobre a didática utilizada e solicitando sugestões para atividades, vislumbrando tornar as aulas de geografia mais dinâmicas e profícuas. O questionário elaborado com questões abertas, de modo a permitir a livre expressão dos alunos. Para análise dos dados foi utilizada como metodologia a Análise de Conteúdos (Bardin). Os resultados apontam que a autenticidade e a empatia existente nas relações professor-aluno, são pontos chave para o desenvolvimento de um ambiente adequado para a aprendizagem.

Palavras-chave: Autoavaliação; Pedagogia libertaria; Autenticidade; Empatia professor/aluno.

Resumen

Una pedagogía centrada en el sujeto y basada en la libertad compone la concepción de educación sugerida por Carl Rogers. Con esta perspectiva pedagógica fue realizada en las clases de geografía una experiencia con alumnos de una escuela pública del interior del estado de São Paulo/ Brasil, teniendo por base la práctica de la autoevaluación por los estudiantes. Este trabajo objetiva verificar el aprendizaje que ocurre cuando hay espacio para que el alumno sea comprendido a partir de su propio punto de vista y no simplemente evaluado por la perspectiva curricular. Para el análisis de ese proceso fue respondido un cuestionario al final del semestre, con preguntas abiertas sobre impresiones referentes a las clases ministradas por la profesora, poniendo los aspectos positivos y negativos sobre la didáctica utilizada y solicitando sugerencias para actividades, vislumbrando hacer las clases de geografía más dinámicas y profícuas. El cuestionario fue elaborado con cuestiones abiertas, de modo a permitir la libre expresión de los alumnos. Para análisis de los datos fue utilizada como metodología análisis de Contenido (Bardin). Los resultados apuntan que la autenticidad y la empatía existente en las relaciones profesor-alumno son puntos llave para el desarrollo de un ambiente adecuado para el aprendizaje.

Palabras clave: Autoevaluación; Pedagogía liberaria; Autenticidade; Empatía profesor/alumno.

Introdução

As escolas atuais baseiam sua estrutura em modelos tradicionais onde os professores são identificados como os detentores do saber e os alunos assumem o papel de receptores deste conhecimento. Com as avaliações não é diferente, tradicionalmente avalia-se o currículo estudado, quantificando o aprendizado do aluno e estabelecendo uma menção na qual o professor acredita representar o seu grau de desenvolvimento, sem questioná-lo sobre seus sentimentos em relação às aulas assistidas, aos conteúdos estudados e a metodologia adotada pelo professor.

Em muitos casos a avaliação não é utilizada para constatar apenas o que foi aprendido do currículo, mas como um instrumento no qual o professor tem o “poder de punir” aqueles alunos que não atentem as perspectivas idealizadas pelo docente, incorporando em suas avaliações aspectos subjetivos como postura em sala de aula, níveis de desenvolvimento ideal e em alguns casos a falta de empatia com o aluno.

Visando responder as inquietações “A liberdade e confiança recíproca facilitam a aprendizagem?” e “Quais as contribuições da autoavaliação no processo de aprendizagem?” foi idealizado este projeto, tendo em vista a pedagogia de Carl Rogers, propondo uma análise de outra vertente da avaliação, a avaliação como um momento de aprendizado, de auto reflexão, de autoanálise, mas principalmente como um *feedback* para que o professor possa refletir sobre sua prática e aprimorar suas metodologias.

Embasados na concepção de educação sugerida por Carl Rogers com uma pedagogia centrada no sujeito e na liberdade e relacionando avaliação e aprendizagem, sem preocupação com o conteúdo, mas qualificando o momento de aprender, com retorno de conceitos e ideias, foi aplicado no final do semestre um questionário aos alunos da escola selecionada. Este questionário foi elaborado com perguntas abertas de modo que permitisse aos alunos responder expressando sua livre opinião.

As turmas foram selecionadas tendo em vista o critério de empatia professor/ aluno e o tempo no qual os mesmos se relacionam, considerando aquelas em que a professora leciona há pelo menos três anos junto aos alunos envolvidos. Este critério foi utilizado para garantir sinceridade e idoneidade nas respostas do questionário, pois esse tempo de contato permite que tenha sido construída uma relação de confiança.

As questões foram elaboradas de modo que os alunos puderam sinalizar quais as metodologias utilizadas nas aulas que geraram maior dificuldade e quais facilitam a aprendizagem do conteúdo de geografia. Em seguida os alunos tiveram a oportunidade de sugerir atividades, vislumbrando tornar as aulas de geografia mais dinâmicas e profícuas.

Essas respostas foram categorizadas de modo a viabilizar a análise dos dados, utilizando como metodologia a Análise de Conteúdos (Bardin 1977).

Objetivos

Este projeto tem como objetivo apresentar uma experiência da utilização da autoavaliação como instrumento do processo de aprendizagem de alunos de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo/ Brasil.

Referencial Teórico

Esta pesquisa-ação apresenta uma abordagem de natureza quantitativa, baseada nas avaliações escritas, e qualitativa quanto aos resultados observados .

“Paulo Freire, Luckesi, Libâneo, Saviani e Gadotti” (Santos 2012) são autores que direcionam suas pesquisas visando a melhoria da qualidade das práticas pedagógicas aplicadas nas escolas. Para que o docente tenha uma prática significativa, é importante conhecer as tendências pedagógicas e aplica-las de acordo com as necessidades de sua comunidade escolar.

As perspectivas pedagógicas (Luckesi 1994) foram desenvolvidas tendo como base as experiências pessoais dos autores, o contexto histórico do período de sua elaboração, bem como a visão dos pesquisadores diante desses contextos, porém todas tem como base o objetivo de viabilizar um ambiente escolar adequado visando o aprendizado do aluno.

Observamos com as transformações das sociedades que a escola precisa se adequar aos anseios das novas gerações, tornar-se atrativa, significativa tanto para alunos quanto para professores. (Santos 2012)

Segundo Libâneo (1985), a pedagogia liberal é um reflexo da sociedade capitalista, na qual a doutrina liberal aparece como justificativa para uma sociedade que almeja o predomínio da liberdade e dos interesses individuais, decorrentes de uma sociedade dividida em classes.

A tendência liberal sustenta-se na ideia de preparar o indivíduo para viver ativamente na sociedade que integra, porém com este pressuposto essa concepção desconsidera a desigualdade de condições socioeconômicas para o desenvolvimento das habilidades necessárias para que esta meta seja atingida. Assim, segundo Luckesi (1994) , essa tendência foi fragmentada em três vertentes: “A Pedagogia Liberal é apresentada na forma Tradicional; Renovada Progressivista; Renovada Não diretiva; e Tecnicista. A Pedagogia Progressivista é subdividida em Libertadora; Libertária; e Crítico-social dos Conteúdos”.

A Pedagogia Liberal apresenta as formas tradicionais de ensino, nesta concepção de educação os alunos são preparados para o convívio em sociedade, sendo assim os conteúdos são pré-estabelecidos pelo professor, que segue um currículo determinado pelo órgão responsável. Nesta concepção as relações professor / aluno ocorrem de modo que a responsabilidade do professor é a de ensinar os conteúdos e a dos alunos compreender o mesmo, através de estudos e dedicação.

Para os professores adeptos a concepção Liberal Tecnicista a educação caminha junto com o desenvolvimento tecnológico, os alunos devem ser preparados para atuar na sociedade industrial e futuramente integrar o grupo de trabalhadores responsáveis pela promoção do desenvolvimento econômico do país.

Os pesquisadores que defendem a tendência Liberal Renovada acreditam que a educação deve ter como base as necessidades individuais de cada educando, valorizando suas experiências e interesses. A autoeducação, o ensino centrado no aluno, a interação com o professor, o respeito mútuo e a valorização de suas experiências de vida, são fundamentais para que o aluno se sinta estimulado e garanta o seu aprendizado.

A tendência liberal renovada apresenta-se, entre nós, em duas versões distintas: a *renovada progressivista*, ou *pragmatista*, principalmente na forma difundida pelos pioneiros da educação nova, entre os quais se destaca Anísio Teixeira (deve-se destacar, também a influência de Montessori, Decroly e, de certa forma, Piaget); a *renovada não-diretiva* orientada para os objetivos de auto-realização (desenvolvimento pessoal) e para as relações interpessoais, na formulação do psicólogo norte-americano Carl Rogers. (Luckesi, 2012, p. 02)

A Tendência Liberal Renovada Não Diretiva, tem o aluno o centro do processo da aprendizagem, através de uma metodologia diferenciada na qual o professor tem o papel de facilitador da aprendizagem e o aluno o protagonista deste processo. Carl Rogers, um dos teóricos que embasam seus estudos nesta tendência pedagógica, idealiza uma escola focada no respeito, na relação autêntica e na empatia entre professores e alunos, identificando esses como pontos chave para o desenvolvimento de um ambiente adequado para a aprendizagem. Rogers afirma que a educação centrada no aluno possibilita maior estímulo na busca pelo conhecimento, ampliando a visão deste estudante diante da realidade na qual integra.

A avaliação observada sob esta perspectiva agrega elementos não convencionais, onde os alunos irão refletir sobre a sua participação e seu desenvolvimento no processo de aprendizagem, tornando assim as menções um índice que apresentam significado para os alunos.

Porém, Rogers (1969) afirma que para que o aluno apresente liberdade para refletir sobre sua aprendizagem, é necessário que a relação professor/ aluno englobe alguns aspectos, tais como autenticidade, apreço, aceitação, confiança e empatia.

Autenticidade é um fator importante para as relações professor/ aluno, visto que quando o facilitador é autêntico com seu aluno, se apresentando como uma pessoa real a relação se torna menos impessoal e o professor mostra que é acessível, desvencilhando as barreiras existentes entre eles. Deixar de lado as formalidades impostas pelo sistema educacional tradicional não é uma tarefa fácil, assim como ser autêntico em todos os momentos também requer tempo para adaptação, mas segundo as concepções de Carl Rogers (1969), é uma condição para o facilitador do conhecimento e deve ser colocado em prática.

O apreço, a aceitação e a confiança são sentimentos que podem ser demonstrados pelo professor que visa facilitar a aprendizagem, pois ao manifestar interesse pelo desenvolvimento do aluno, aceitando as diferenças existentes em relação aos seus valores, sentimentos e opiniões, compreendendo o aluno como ser humano, despertará a confiança necessária para que este acredite em seu potencial e invista na construção do conhecimento.

Rogers (1971) afirma que, a empatia ocorre quando o professor tem a habilidade de compreender o aluno, procurando entender sua visão de mundo, isso é possível realizando o exercício de se colocar no lugar do outro. Quando o aluno é compreendido sob o seu ponto de vista, e não apenas avaliado ou julgado pelo professor, a aprendizagem passa a fazer sentido para o aluno, se tornando um ambiente agradável e estimulante.

Uma abordagem desse tipo, centrada na pessoa, é uma filosofia que se acha em consonância com os valores, os objectivos e os ideais que historicamente constituíram o espírito da nossa democracia. (...) Ser plenamente humano, confiar nas pessoas, conceder liberdade com responsabilidade não são coisas fáceis de atingir. (Rogers, 1986, p. 326, 327)

Ao realizar uma autoavaliação e dar a liberdade para que os alunos possam se expressar sobre as aulas assistidas, relatando seu ponto de vista sobre os aspectos positivos e negativos referentes as metodologias utilizadas, o professor dá voz para os alunos, valoriza sua opinião, compreende o aluno e seus interesses. Através desta ferramenta pedagógica o professor pode refletir a sua prática e investir em atividades significativas aos alunos, transformando este espaço em um ambiente democrático.

Porém para que a autoavaliação seja real, é necessário que entre professor e aluno exista uma relação de confiança e autenticidade.

Na experiência relatada neste trabalho, o questionário com perguntas abertas foi elaborado de modo que permitisse a autenticidade do aluno ao responder as perguntas. Com

respostas sinceras, os alunos puderam relatar seus sentimentos, expressar as opiniões, contribuindo com a reflexão sobre a prática do professor.

Metodologia

Após reflexões referentes à pedagogia proposta por Carl Rogers, surgem algumas inquietações em relação às metodologias praticadas em sala de aula. Durante reuniões realizadas junto a um grupo de estudos vinculado a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Sorocaba, São Paulo, o presente projeto foi planejado.

A princípio a autoavaliação foi idealizada apenas para verificar a prática profissional, entender se com a metodologia utilizada em sala de aula desperta o interesse nos alunos e se estes compreendem os conteúdos estudados, mas com o amadurecimento da ideia, foi elaborado um questionário mais amplo, no qual os alunos puderam destacar os pontos que consideram positivos nas aulas, os aspectos negativos e tiveram a oportunidade de sugerir metodologias que consideram interessantes para serem desenvolvidas no ambiente escolar.

A Experiência ocorreu com uma professora licenciada em geografia, que leciona há quatro anos em uma escola do estadual, localizada em Itapetininga, no interior do estado de São Paulo/ Brasil. Este tempo de efetivo exercício na mesma unidade escolar permitiu a professora conhecer os alunos e desenvolver um relacionamento interpessoal baseado na liberdade de expressão da livre opinião, sem o receio de punições posteriores.

Visando propiciar um ambiente facilitador da aprendizagem, durante as aulas de geografia os alunos tiveram total liberdade opinar, relatar exemplos, expor dúvidas ou mesmo discordar durante as discussões proporcionadas. Empatia e autenticidade são atitudes indispensáveis, tendo em vista que quando há um relacionamento humano entre professor e aluno, há respeito e confiança, estimulando a aprendizagem.

Porém na rede de ensino do estado de São Paulo/ Brasil, existe um currículo pré-estabelecido, que prevê a utilização de apostilas elaboradas por representantes da secretaria estadual de educação. Utilizado desde 2008, este currículo oferece uma base comum que permite que todas as escolas da rede estadual trabalhem de maneira articulada, desenvolvendo a mesma base de conhecimentos e competências. Com um currículo pré-determinado, o professor não tem a liberdade de avaliar e selecionar conteúdos pertinentes junto aos seus alunos, considerando o nível de desenvolvimento e de interesse da classe. Por este motivo, durante a avaliação diagnóstica os alunos não foram consultados quanto aos conteúdos trabalhados.

Os alunos que participaram da autoavaliação tem idade entre 15 e 18 anos e estavam cursando o Ensino Médio , totalizando cento e um alunos pesquisados.

Na semana que antecedeu a aplicação da autoavaliação, os estudantes foram orientados através de uma exposição na qual puderam compreender a importância deste tipo de avaliação, como seriam estruturadas as questões, quais os critérios utilizados para a análise, destacando assim a importância de responder com sinceridade as autoavaliação.

As folhas para avaliações foram impressas e entregues aos alunos, que tiveram o tempo que acharam necessário para refletir e responder as questões. Algumas dúvidas surgiram, mas foram sanadas pela professora, que porém não interferiu na elaboração das respostas. As questões utilizadas no questionário aplicado aos alunos foram:

Q1	Tendo em vista os aspectos positivos, qual aula te chamou mais a atenção?
Q2	Descreva uma metodologia utilizada nas aulas de geografia que você considerou negativa.
Q3	Existem mudanças que você acredita que tornariam as aulas de geografia mais eficientes para sua aprendizagem?

Após a verificação das avaliações, foi realizada uma leitura dos resultados utilizando como metodologia a Análise de Conteúdos proposta por Bardin (1977). As respostas dos alunos foram categorizadas, divididas em aspectos relacionados à metodologia das aulas de geografia que os alunos consideraram positivos, seguido pelos aspectos negativos e finalizando com sugestões para tornar as aulas de geografia mais significativas.

A escolha destes temas para categorização possibilitou uma visão ampliada dos sentimentos dos alunos e de seus anseios educacionais. As informações obtidas através da leitura e interpretação das respostas foram organizadas isoladamente, a princípio separadas por classes e em seguida classificadas de modo geral, envolvendo todas as classes de ensino médio que participaram da experiência. Verificou-se assim a qualidade das aulas e os pontos referentes à metodologia que devem ser repensados.

Resultados e Discussão

A análise dos resultados apontam as metodologias nas quais os alunos apresentam maior dificuldade e as sugestões para que as aulas se tornem profícuas.

Categorizando as respostas desta questão obtivemos os seguintes dados:

Positivo	Alunos
Exibição de Filme	43
Documentários	38

Slides com o Conteúdo (Power Point)	19
Aula expositiva	12
Atividades em Grupos	05
Auto Avaliação	01

Tabela 1. Classificação dos aspectos positivos da metodologia utilizada pelo professor.

(Elaborado pelo autor)

A exibição de filmes se refere à filmes de longa e curta metragem, nos quais utilizam a ficção para representar os temas abordados, já a categoria documentários refere-se a vídeos nos quais representam a realidade com maior fidelidade, por este motivo na classificação subdividimos essa categoria.

Considerando a primeira questão, na qual os alunos relataram as metodologias que conceituaram como positivas, constatou-se que a maior parte dos estudantes pesquisados manifestaram interesse em aulas que envolvam recursos áudio visuais (filmes, vídeos e slides durante as aulas expositivas).

“Aula com vídeos, documentários, aulas que eu consiga ir além do que copiar e colar, aulas que eu consiga visualizar e imaginar tais acontecimentos e que eu use meu cérebro de verdade”.(Aluno K. 3º ano A)

“Gosto das aulas em que a professora faz uma espécie dinâmica onde ela trás um tema, explica, com a exibição de slides, faz perguntas e tenta interagir com os alunos.” (Aluno A. 3º ano A)

Os recursos audiovisuais estimulam os sentidos dos alunos, possibilitando aos estudantes a experiência de ir além da imaginação, porém essa é uma didática que deve ser utilizada com atenção para que o aluno não perca o foco no conteúdo estudado.

Aulas envolvendo Slides, elaborados em Power Point, possibilitam ao aluno visualizar ilustrações do tema abordado, enriquecendo a aula expositiva, facilitando a compreensão do conteúdo estudado.

Alguns alunos afirmam que as aulas expositivas são positivas e contribuem com sua aprendizagem, justificam relatando que com a linguagem oral ocorre a interação professor/ aluno, tendo a possibilidade de discutir conceitos, abrir espaços para que o aluno possa exemplificar ou mesmo discordar do tema abordado.

Com vistas a promoção da autonomia do aluno atividades coletivas são interessantes, desenvolvem a “afinidade e confiança” (Menezes, 2009) nos alunos, além de possibilitar a troca de informações entre alunos que se encontram em diferentes níveis de desenvolvimento. Segundo Menezes, 2009, "Para promover a autonomia, é preciso propor à classe atividades coletivas mais estruturadas do que as aulas expositivas." Essas atividades devem estar

adequadas à faixa etária dos alunos e ser direcionadas pelo professor de modo que os alunos mantenham como foco a aprendizagem do conteúdo estudado.

Nesta classificação, destacamos também um relato no qual um aluno aponta a autoavaliação como um fator positivo. Embora tenha sido colocado por apenas um dos alunos, nota-se sua relevância por mostrar o contentamento do estudante ao sentir-se valorizado, por entender que o seu ponto de vista é importante para o professor, contribuindo assim para o planejamento de aulas significativas aos alunos. Rogers (1971) afirma que a liberdade para aprender, questionar, se auto avaliar, contribui para o desenvolvimento de alunos criativos, independentes e sensíveis, ao contrário dos métodos tradicionais que formam alunos reprodutores dos conteúdos estudados. Este relacionamento se difere do observado na pedagogia tradicional, mas possivelmente, os resultados também serão diferentes, porque há significação a aprendizagem passa a ser global e não focada em determinados grupos.

[...] Quando reunimos em um esquema elementos tais como currículo pré-estabelecido, deveres idênticos para todos os alunos, preleções como quase único modo de instrução, testes padronizados pelos quais são avaliados externamente todos os estudantes, e notas dadas pelo professor, como medida de aprendizagem, então, quase podemos garantir que a aprendizagem dotada de significação será reduzida a um mínimo. (Rogers, 1978, pág. 21)

Rogers sugere nesta citação uma reflexão sobre os aspectos negativos determinados por um currículo fechado, e este fator é verificado ao analisar as opiniões dos alunos sobre a didática das aulas de geografia questionada na pergunta dois da autoavaliação.

Segue os resultados da classificação dos aspectos negativos:

Negativo	Alunos
Livro didático ou Apostila do Currículo	61
Atividades com Mapas	16
Atividades em Grupo ou Seminários	16
Atividades transcritas na Lousa	15
Não Considera Nenhuma situação Negativa	09

Tabela 2. Classificação dos aspectos negativos da metodologia utilizada pelo professor. (Elaborado pelo autor)

Os resultados evidenciam as dificuldades dos estudantes durante as aulas em que o professor utiliza ferramentas tradicionais como livro didático, apostila do currículo do estado de São Paulo/ Brasil e a lousa para escrever textos ou questionários. Segue alguns relatos:

“Não gosto quando tenho que fazer apostila, não consigo entender o conteúdo. Eu não consigo entender o conteúdo não porque a professora não explica, mas porque a apostila é muito chata.” (Aluno C. 2º ano B)

“A apostila foi meio confusa pra mim, complexa e não muito voltada ao que realmente é preciso nas provas como ENEM, vestibular, etc. ” (Aluno T. 3º ano A)

Observa-se que os alunos não aprovam a utilização de apostilas como instrumento de aprendizado. O uso deste material pedagógico como único instrumento didático não permite ao estudante atuar como agente da construção de seu conhecimento, visto que as apostilas condensam o conteúdo previsto pelo currículo. A escola adquire características de uma empresa, na qual o aluno estuda em busca de resultados, não de aprendizado, associando o sistema escolar a um sistema “bancário” (FREIRE,1975).

Constatou-se também a dificuldade que os alunos apresentam na leitura de infográficos e mapas, atividades demasiadamente presentes nas apostilas de geografia, refletindo o descontentamento com o material.

“Sobre as aulas de mapas, pois não tenho senso de localização” (Aluno D. 3º ano A)

“Sobre os mapas, isso não entendo nada, já fiz de tudo para tentar aprender, mas mesmo assim não entra na minha cabeça” (Aluno J. 3º ano A)

Contudo conclui-se que a didática na qual o professor utiliza para trabalhar com este material deve ser repensada, para que este descontentamento diminua e os alunos compreendam os conteúdos.

Retomando o referencial teórico, nota-se que o aprendizado e o estímulo para o aprendizado ocorre quando as aulas e os conteúdos são significativos para os alunos e que o estímulo é maior quando o estudante tem liberdade para buscar novas informações e expressar-se.

Possivelmente, atividades em grupos e seminários foram citadas como um aspecto negativo devido o perfil dos alunos, que na fase de adolescência, se sentem inibidos ao expor suas pesquisas diante o grupo dos colegas de classe, temendo possíveis desaprovações ou comentários desnecessários. A totalidade dos alunos que sinalizaram este tema cursava o terceiro ano do ensino médio, onde uma das avaliações do terceiro bimestre foi à realização de uma atividade nestes moldes.

A última questão analisada, refere-se a sugestões dos alunos para contribuir com a escolha de metodologias adequadas para atender as suas expectativas quanto as aulas de geografia, tornando-as dinâmicas de modo que o aprendizado fosse facilitado para todo o grupo de alunos.

Abaixo, segue os dados da classificação das sugestões dos alunos visando aulas profícuas e significativas.

Sugestões	Alunos
Trabalho de Campo e Aulas Práticas	35
Documentários	31
Exibição de Filme	22
Slides com o Conteúdo (Power Point)	12
Computadores, Notebooks e Tablets	07
Manter a mesma metodologia	05
Aula expositiva	02
Livros didáticos e paradidáticos	02
Mapas	02

Tabela 3. Classificação das sugestões dos alunos.
(Elaborado pelo autor)

Contrariando as previsões iniciais, foram muitas as sugestões, algumas inviáveis devido problemas de infraestrutura e questões econômicas, mas todas importantes, pois expressa os desejos dos alunos, suas perspectivas, enfim relatam como idealizam as aulas de geografia.

“Sim, trabalho de pesquisa em campo, data show, passeios que tenha relação com os conteúdos estudados”. (Aluno A. 2º ano A)

Trabalho de campo e aulas práticas, a maior parte dos alunos sugerem essas atividades, “Um dos modos mais eficazes de promover a aprendizagem consiste em colocar o estudante em confronto experiencial direto com os problemas práticos – de natureza social, ética e filosófica ou pessoal – e com problemas de pesquisa.” (Rogers 1969, p. 163) Aulas envolvendo produção de uma peça teatral ou na qual os alunos assistem a uma peça produzida por profissionais com posterior discussão, onde problemas imediatos surgirão e serão superados pelos estudantes, que aprenderão devido a significação do experimento.

“Usar um pouco de tecnologia ou trazer notebook ou tablete para se aprofundar melhor naquilo que está estudando” (Aluno C. 2º ano A)

“Sim, eu adoro os filmes que a professora coloca, é interessante, principalmente quando é dos tempos antigos, isso me incentiva a aprofundar os conhecimentos da matéria” (Aluno C. 2º ano A)

“Trabalhar menos com o conteúdo da apostila e trabalhar mais com conteúdos mais interessantes aos alunos, como vídeo e aula que escrevemos menos e falamos mais, com exemplos.” (Aluno K. 3º ano A)

Nota-se que de modo geral os estudantes sinalizam o uso de recursos tecnológicos como o método facilitador do ensino. Atualmente vivemos uma fase de desenvolvimento social denominada revolução técnocientífica informacional, em que o acesso a tecnologias é

facilitado pelo avanço da ciência. Nessa nova sociedade tecnológica destaca-se o desenvolvimento das tecnologias dos meios de comunicação, emergindo uma nova organização social, a Sociedade de Informação. Desde criança temos acesso a tecnologias e velocidade nas informações, porém nossas escolas encontram-se em processo de adaptação a esta nova fase da sociedade.

Tendo em vista as afirmações de Vianna “A era da informação é fruto do avanço das novas tecnologias que estocam, de forma prática, o conhecimento e gigantescos volumes de informações”. E “Estas novas tecnologias permitem-nos acessar não apenas conhecimentos transmitidos por palavras, mas também por imagens, sons, vídeos, dentre outros.” (VIANA, 2004, p. 11, 12), conclui-se que a atualização da escola em relação aos avanços tecnológicos é uma necessidade, sinalizada pelos alunos ao apontarem suas sugestões.

A aplicação da autoavaliação foi uma experiência importante na formação dos alunos que puderam desenvolver a autocrítica, a auto-realização e a criatividade.

Conclusões

Cada educador tem uma forma de desenvolver suas aulas, porém quando ocorre atitudes de facilitação tais como empatia e autenticidade, o aluno se sente mais próximo de seu facilitador. Uma educação centrada no aluno, onde o professor demonstrar confiança no potencial de seus educandos e estes tiverem a liberdade de expressar sua livre opinião potencializa a possibilidade de tornar a aprendizagem significativa e a escola um ambiente profícuo.

A autoavaliação realizada durante a experiência relatada no presente projeto aponta a importância deste instrumento para a reflexão da prática do professor, além de estimular a autonomia do aluno, a liberdade de expressão e o sentimento de pertencimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Se os professores aceitam os alunos como eles são, permitem que expressem seus sentimentos e atitudes sem condenação ou julgamentos, planejam actividades de aprendizagem com eles e não para eles, criam uma atmosfera de sala de aula relativamente livre de tensões e pressões emocionais, as consequências que se seguem são diferentes daquelas observadas em situações onde essas condições não existem. As consequências, de acordo com as evidências actuais, parecem ser na direcção de objectivos democráticos" (Rogers 1986 apud Gobbi, 1998, p. 27).

Para que haja uma revolução na educação é preciso saber conviver com as pessoas, independente das diferenças. O professor facilitador da aprendizagem é capaz de libertar a curiosidade dos educandos, deixa-los livres para que sejam guiados pelos seus interesses e despertar o senso de pesquisa. “Quando a autocrítica e a auto-avaliação são facilitadas, e a

avaliação de outrem se torna secundária, a independência, a criatividade e a auto-realização do aluno tornam-se possíveis”. (Rogers, 1974, p. 404-405 apud Capelo 2000).

Contudo concluímos que somente correndo riscos de novos caminhos o professor tem a possibilidade de analisar por si mesmo, qual a metodologia se adequa melhor para seus alunos e para a sua prática. A autoavaliação é uma ferramenta na qual os alunos podem expor sua livre opinião, se tornando assim um importante instrumento para sinalizar os aspectos metodológicos que precisam repensados pelo professor. Quando existe autenticidade e a empatia nas relações professor-aluno o ambiente escolar significativo de modo que favoreça o aprendizado.

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.

CAPELO, Fernanda de Mendonça. A aprendizagem na pessoa: Contributo para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. Revista de Estudos Rogerianos A Pessoa como Centro, Lisboa Portugal. Nº. 5 Primavera-Verão 2000.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GOBBI, Sérgio Leonardo, MISSEL, Sinara Tozzi (Org.) (1998) Abordagem Centrada na Pessoa: Vocabulário e Noções Básicas, Editora Universitária UNISUL.

LIBÂNEO, J. C., 1983. Tendências pedagógicas na prática escolar. Revista da Associação Nacional de Educação – ANDE, 3:11-19.

LUCKESI, C. C., 1994. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez Editora.

Menezes, Luiz Carlos. O aprendizado do trabalho em grupo. Nova Escola, São Paulo, edição 222, maio de 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/aprendizado-trabalho-grupo-451879.shtml> acesso em: 06/12/2015 ROGERS, C.R. (1969). Freedom to learn. Columbus, OH: Charles E. Merrill.

ROGERS, C.R. (1971). Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros. Tradução para o português do original Freedom to Learn.

ROGERS, C.R. (1986). Liberdade para aprender em nossa década. Porto Alegre, Artes Médicas.

SANTOS, Roberto Ferreira. Tendências pedagógicas: o que são e para que servem? Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0327.html> acesso em 30 nov. 2015.

VIANA, M. A. P. Internet na Educação: Novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. In: MERCADO, L. P. L. (Org.) Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação. Maceió: EDUFAL, 2004. 228p.